

**TERESA DE SALDANHA:
A CORAGEM NASCE DO AMOR**

IR. MARIA ELISA BUENO GALVÃO, o.p.

TERESA DE SALDANHA:
A CORAGEM NASCE DO AMOR

ÍNDICE

Que história é essa?.....	7
1. Um vento novo	9
2. Tempo de Crescer	11
3. Uma longa doença.....	13
4. Vista curta e muita visão	15
5. Uma ambição maior	17
6. O Rosto de Cristo	19
7. A Aliança secreta	21
8. Um desejo imenso: fazer o bem	23
9. Como Peixe na Água	25
10. Faltava alguma coisa.....	27
11. Se Tua voz arde em meu peito	29
12. “Não vim trazer a Paz”	32
13. Nada me pode roubar a esperança.....	34
14. Amigas do coração	36
15. Finalmente uma Luz!	38
16. Quem quer ir?	41
17. A maior das imprudências	43

18.	Quero fazer sempre mais.....	46
19.	A Vontade de Deus.....	48
20.	O dia do Terremoto	50
21.	Elas estão chegando!	52
22.	Cruzes, alegrias e uma grande paz	54
23.	Mil vezes feliz!	56
24.	A Marca Registrada de Teresa	59
25.	Só o amor pode ter coragem para lutar com tantas dificuldades	61
26.	Como Nossa Senhora em Belém	63
27.	Deus, visivelmente, nos protege	65
28.	O Amor não passa jamais	67

QUE HISTÓRIA É ESSA?

ESTA é uma história de Amor.

Diferente de todas as outras, porque o amor é criativo, nunca se repete. É igual enquanto fala de alegria e de sofrimento, de quem arrisca toda a vida para conquistar um bem maior, seu amor. Mas é diferente daquelas histórias tristes em que as pessoas terminam separadas. Porque nela, mesmo quem vai morar distante, para sempre, permanece junto, graças ao mistério do amor.

É daquelas que têm um final bem feliz, mas de verdade. Aconteceu mesmo. Não foi ilusão.

Fala de sonhos, esperança e de aventura, de gente linda, com brilho nos olhos, capaz de enfrentar mil perigos para não deixar morrer o desejo ardente do coração.

É história de ternura e de liberdade, de mãos que se entrelaçam e de braços que não se cruzam nem se deixam prender por nada.

É história de amor que combina pressa com paciência, porque quem ama tem a sabedoria de encontrar o momento certo para agir e nunca desiste de esperar.

É uma história de muito esforço, apesar de não ser de uma atleta olímpica... Mas, como nas Olimpíadas, quem ama, empenha-se ao máximo, dá o melhor de si para alcançar sua alegria, o mais alto prêmio: o objeto de seu amor.

Como nas Olimpíadas, esta história fala de uma tocha sempre acesa que passa de mão em mão. O amor é uma chama que arde sem se consumir, como a sarça ardente que Moisés viu. É a vida divina que sempre se renova. Não passa jamais. O amor contagia com o mesmo fogo quem dele se aproxima.

É história de uma tocha acesa que chegou até os nossos dias. A tocha acesa é esta vida que agora está aqui, e é oferecida a você. Aceita tomá-la em suas mãos?

UM VENTO NOVO

ESTAMOS no coração de Lisboa, no ano de 1837. Carruagens vêm e vão até às margens do Tejo. Homens e mulheres com chapéus elegantes andam apressadamente pelos passeios, ao ritmo das idéias novas que agitam a política, a sociedade, a religião. Muita gente discute, se desentende, toma partido, a favor ou contra. Da terra e do mar, chegam ventos fortes, arrastando num rodamoinho tudo o que encontram pela frente, para trazer a liberdade e a vida nova. Tudo indica: é tempo de mudança!

Já é quase Outono: 4 de Setembro. A casa, um palácio de gente nobre, do partido liberal. São condes, então os nomes são bem compridos: João Maria de Saldanha Oliveira Juzarte e Souza e Isabel Maria de Souza Botelho. Hoje, nesse Palácio chamado da Anunciada, o vento que sopra é de alegria. Nasceu uma menina: Teresa. De olhos brilhantes e face rosada, sinal de que é esperta, frágil e simples como toda recém-nascida. Foi no dia seguinte, ao ser batizada na capela de sua própria casa, que recebeu um nome comprido, digno de filha de condes: Teresa Rosa Fernanda de Saldanha Oliveira e Souza.

António era o irmão um pouco mais velho. Depois de Teresa veio ainda o José. O tempo passou. Descobriram que Teresa tinha enorme gosto para aprender, era muito inteligente e sensível para música e pintura. Talentosa mesmo, alegre e cheia de vivacidade! Já com

três anos conseguia decifrar as primeiras palavras. Gostava de brincar de dar lições aos irmãos. De pular muito! Ao fim do dia, adormecia ao som das músicas que sua mãe tocava ao piano.

TEMPO DE CRESCER

A MÃE, dona Isabel, soube puxar muito pela filha, para que desenvolvesse todos os seus dons. Ensinou-lhe tudo o que sabia: a ser organizada, trabalhadeira, feminina, bondosa. A ter bom gosto e se arrumar bem. Ensinou-lhe português, francês, história, geografia, matemática, música, tanto quanto sabia. Depois, como a filha ainda queria mais, trouxe à casa professores, pois as meninas não iam à escola. Teresa então se aprofundou nos estudos. Aprendeu inglês e alemão. Teve grandes mestres de pintura e de música.

Ah, mas não é só isso! D. Isabel, acima de tudo, era uma mulher de fé, uma cristã bem atuante. Ela mesma quis educar Teresa, desde pequena. Tanto que as primeiras palavras que a menina aprendeu a ler era do livrinho da missa, que já acompanhava direitinho aos cinco anos.

Um dia, quando Teresa tinha sete anos, saiu à rua com sua mãe.

— Aonde vamos, mamãe?

— À Igreja dos Inglesinhos!

Surpreendeu-se um pouco, pois não era hora de missa. Mas foi contente, pois gostava de passear e de visitar igrejas. Chegaram depressa, não era muito longe. Lá D. Isabel mandou chamar um padre conhecido. Apresentou-lhe a filha. O sacerdote observou a pequena profundamente, com carinho. Era o sábio Pe. Lourenço Richmond, amigo da família. Chegara o momento de aprofundar a formação religiosa de Teresa. Desde então,

tinha com esse mestre instruções de doutrina e de vivência da fé. Transmitidas com uma pedagogia que penetravam no seu coração como chuva mansa. Teresa era atenta e gostava muito.

O tempo passava. Mãe e filha saíam juntas à rua muitas vezes. A mãe ia levar auxílio às famílias pobres, escondidas em casebres frios, sem conforto, situados nas ruas estreitas e íngremes dos bairros de Lisboa. A filha, adolescente de seus 12 anos, acompanhava e observava. Ela, a quem nada faltava, viu muita gente que passava necessidade. Que não tinha batata, bacalhau ou simplesmente pão. Que não tinha roupa para se aquecer no inverno, e por tudo isso não tinha saúde nem cor. Olhou nos olhos de meninas como ela, mas que não tinham como estudar. Viu o sofrimento. Nunca mais esqueceu. Guardava tudo em seu coração.



Aquarela de Teresa de Saldanha, 1860

“Pode o olhar ficar indiferente aos crucificados da história, que ninguém vê, nem chora?”

UMA LONGA DOENÇA

TUDO o que foi dito até agora pode dar idéia de que Teresa nunca tinha ocasião para sofrer, afinal nada lhe faltava. Mas o problema era a saúde tão frágil. Quando ela tinha três anos a família mudou-se, por sua causa, para a casa dos avós, de clima mais favorável.

Aos 15 anos, a situação piorou. O tempo de outono e inverno é bem rigoroso. Os dias são cinzentos, a chuva mansa não passa. Traz muito frio e umidade. Então Teresa começou com uma simples constipação, depois veio febre, dor de garganta e logo o peito também ficou atacado. Na garganta cresceu uma chaga. A voz sumiu. O peito doía de tanto tossir.

Chamaram o médico, que receitou muitos remédios, aplicações e repouso completo. A mãe-enfermeira tomava conta dia-e-noite para que as indicações fossem cumpridas à risca: leite de burra, óleo de fígado de bacalhau... fortificantes de todo jeito! Seu maior medo era perder a filha, pois muita gente morria mesmo, quando não era bem tratada. A filha da Imperatriz morrera de uma doença parecida, há pouco tempo. A tudo o que o médico receitou, acrescentou muito amor e, finalmente, depois de vários meses, conseguiu salvar Teresa.

Mas como é para uma jovem muito viva, com 15 anos, ficar vários meses de cama, sem poder fazer nada? Teresa pensava na vida, pensava muito, lembrava os acon-

tecimentos, o que as pessoas lhe diziam. Parecia estar ouvindo no momento os conselhos que Pe. Richmond sempre lhe dava:

— Minha filha, procure sempre agradar a Nosso Senhor, em tudo o que fizer. Seja fiel a Ele, que tanto nos ama.

— Mas o que será que o Senhor quer de mim?

— Aos poucos Ele irá mostrar-lhe o caminho que escolheu para a sua felicidade. Mas lembre-se: nenhuma alegria, nenhum amor neste mundo se iguala ao que nos oferece Jesus. Só Ele é digno de todo o nosso amor.

Desde essa época, pouco a pouco, vinha-lhe à mente a idéia de se consagrar a Deus. Mas tudo lhe parecia tão difícil, que procurava afastar esses pensamentos. Passava seus dias aparentemente bem tranqüila e atarefada na companhia de seus pais, estudando, pintando, tocando piano, pois era cheia de talentos. À noite, dava aulas de piano a uma jovem pobre, quando não tinha aulas de dança. No entanto, seus interesses concentravam-se cada vez mais no verdadeiro e mais fascinante tesouro: o imenso amor de Deus!

A verdade é que pensava muito nele, e descobria seus sinais em cada canto de sua vida. Sentia-se tão amada por Deus! Queria retribuir esse amor com sua vida. No entanto, sofria, pois ninguém lhe parecia compreender. Muito menos imaginar seus sentimentos.

VISTA CURTA E MUITA VISÃO

○ PIOR para a bela Teresa, então com 16 anos, era ter de se enfeitar para os jantares, bailes e festas da sociedade. Tinha horror de chamar a atenção sobre si, de que a ficassem cortejando, de se entreter com conversas que para ela eram vazias. Preferia a simplicidade de seus vestidos modestos e das conversas francas com seus empregados e outros amigos pobrezinhos.

No entanto, ninguém imaginava o seu coração. Mostrava-se sempre graciosa, bem disposta, com seu sorriso cativante e olhar doce e profundo. Dançava e conversava com uma simplicidade tão encantadora, que era impossível não atrair para si muitos olhares.

Na hora de sair para seu primeiro baile, já com seu lindo vestido rosa e flor branca na cabeça, pôs-se de joelhos em seu quarto e pediu a Jesus que a guardasse, pois não queria ofendê-lo em nada. Lá, dançou o tempo todo, divertiu-se muito. Mas não se distraiu de Jesus. Tinha um defeito, do qual tirou muito proveito: era bem míope e usava lunetas! Confidenciou à sua amiga Maria:

— Gosto muito de minha vista curta. Graças a ela, quando quero, estou isolada do mundo: tiro a luneta e vejo só para dentro!

Com isso, livrava-se da tendência tão natural de observar e de gostar de ser observada, o que dá origem

a tantos comentários. Tinha ainda outro segredo, para estar recolhida com Nosso Senhor em plenas voltas do salão de baile: trazia consigo um anel, em cujas saliências podia contar as Ave-Marias do terço.

O relógio marcava três e meia da madrugada quando chegou em casa com seus pais. Depois vieram muitas outras festas, *soirées*, e nunca voltavam antes da meia-noite. Gostava muito de dançar, principalmente sem a luneta e com o anel.

UMA AMBIÇÃO MAIOR

OS pais de Teresa costumavam receber pessoas para jantar. Ela, a única filha, animava esses momentos de convívio tocando piano. Era sempre ela quem devia fazer as honras da casa e dar gosto a seus pais nesses freqüentes serões. Fazia tudo com alegria e bom humor, sem perder ocasião de brincar com seu irmão mais velho, o António, que gostava de parecer elegante e ser tratado com reverência.

— Bem que eu gostava de dançar consigo, mas acho que nunca poderei, porque você é todo elegante e eu não!

Só não gostava quando sabia que era pedida em casamento. Houve muitos. Recusava a todos. Seus pais deixavam-lhe a decisão final, e até achavam bom que recusasse, assim continuava a fazer-lhes companhia. Afinal, era a filha muito querida, que viam sempre amável e fácil de se contentar. Por dentro não era bem assim. O coração e o olhar estavam voltados mais para cima:

— Eu estava rodeada de tudo quanto se pode chamar grande, mas Deus colocou em meu coração ambições maiores!

Jovem, inteligente, atraente, culta, cheia de talentos para pintura, música e tantas coisas mais, de espírito vivo, dinâmico e alegre, cercada de riquezas, a felicidade que o mundo oferece está bem ao alcance de suas mãos.

Mas tudo que o mundo pode oferecer a seus olhos são bens passageiros que não podem satisfazer seu coração. Teresa quer um amor maior, uma felicidade maior. E tem uma força de vontade de ferro para os conquistar.



Aquarela de Teresa Saldanha, 1852

"Deus pôs no meu coração ambições maiores do que tudo quanto se pode chamar grande"
Teresa de Saldanha

O ROSTO DE CRISTO

UM dos momentos mais marcantes da vida é o da juventude, quando cada pessoa escolhe por si o rumo que vai dar a toda a sua vida. Momento de liberdade e de risco, quem não tem coragem de assumir o amor perde sua maior riqueza!

Teresa então passava os dias de semana bem atarefada, mal tinha tempo para mandar notícias aos seus irmãos que foram estudar em Coimbra. Tinha também muito que estudar, pintava muitas telas a óleo, mas não era só isso. Desde os 12 anos, estava inscrita na Associação de Nossa Senhora dos Aflitos, da qual D. Isabel era presidente. Com ela, visitava famílias pobres e lhes levava auxílio e conforto. Sentia-se tão feliz por aliviar um pouco o sofrimento dos outros! Dizia:

– Fazer o bem satisfaz-me o coração!

Sempre gostou muito de estar com crianças, poder trabalhar com elas. Inventava mil e uma maneiras de realizar este gosto, tão de acordo com seu jeito simples, espontâneo e brincalhão:

– O aniversário de seu avô terá uma *soirée* bem diferente das outras!, exclama sua mãe.

– Certamente que sim, e isto é muito bom! Vamos nos divertir bastante. A lista de convidados já tem uns 50 nomes. Todos de 12 anos para baixo! – responde Teresa a sorrir.

Preparou com sua mãe um baile bem animado, onde as crianças dançaram bastante, bem à vontade (e Teresa entre elas!), até meia-noite. Que alegria sente ao servir os outros, até nos divertimentos.

Em casa, continuava com as aulas de pintura. Escolhia seus próprios motivos e deixava transparecer seus interesses: Jesus sofredor, Nossa Senhora das Dores, Santa Rosa de Viterbo abraçando o crucifixo. Afinal, se ia a bailes, muito mais não faltava às cerimônias religiosas, onde também ia ensaiar e tocar o órgão.

Durante a Semana Santa, passava praticamente todo o dia na Igreja, não perdia nenhuma celebração, ao lado de sua mãe. De todas as festas, a da Páscoa era a de que mais gostava e lhe enchia o coração de esperança! Aprende então com o próprio Senhor que as coisas de Deus têm o sinal da cruz, e que a cruz esconde a glória, o verdadeiro brilho e sentido da vida.

Mergulhava em cheio no mistério principal de Jesus Cristo, de amar até o fim, para nos salvar. Mergulhava na reflexão daquelas palavras: “não há maior prova de amor do que dar a vida pelos amigos”... “sereis meus amigos se guardardes meus preceitos”... Esquecia do mundo, revendo Jesus a lavar os pés dos discípulos, exemplo do verdadeiro e maior amor. Que atração sentia!

Tanta, que aos 18 anos escolheu pintar a face de Jesus sofredor. Passava as tardes nesse trabalho. Enquanto misturava as cores com o pincel e as combinava com harmonia na tela, pensava no destino que ia dar à sua vida. Queria seguir o exemplo de Jesus, consagrar-se totalmente a Ele, cheia de gratidão por tanto que a amava. Entregar cada instante de sua vida para trazer até Jesus os que não conheciam seu amor. Uma alma que se salvasse já seria uma vitória. Mas como?

A ALIANÇA SECRETA

SABIA muito bem que seu pai e seu irmão mais velho tinham gênio muito forte e não aprovariam sua decisão. Suas idéias políticas do Liberalismo eram absolutamente contra o estilo da vida religiosa. Ainda mais que as ordens religiosas foram expulsas do país quando ela nem havia nascido, em 1834. Deixar Portugal? Jamais, só fugindo! E se eles fossem atrás e a obrigassem a voltar? Seria pior ainda. Além disso, que tristeza ver a falta de religiosas em Portugal!

Pensava tudo isso, e o rosto de Cristo ia se tornando cada vez mais nítido na tela. Então um dia tomou uma resolução: “se de momento não sei como realizar meus desejos, ao menos ninguém me impede de prender meu coração definitivamente ao meu amado Jesus!” Largou pincel e tinta e foi correndo conversar com o Pe. Richmond.

— O que o Senhor Padre acha da minha idéia?

— Minha filha, és ainda tão jovem! — reticenciou o velho sacerdote, embora sentisse grata surpresa por ouvir as palavras cheias de entusiasmo de Teresa. — Bem compreendo que teu coração é grande demais e nenhum amor humano está à altura de satisfazê-lo. Mas é preciso pensar bem antes de assumir um compromisso assim. Além do mais, com Deus não se brinca.

— Não estou sendo precipitada! Já pensei muito bem e entendo que nada se pode comparar à alegria de ser

toda de Deus. Minha vocação já está decidida, quero consagrar-me a Ele. O Senhor Padre mesmo foi quem me disse que o principal era ser fiel a Jesus no íntimo do coração. Se de momento não posso realizar meu desejo, deixe-me ao menos assumir esta aliança secreta, através de suas mãos. Por favor!

Combinaram então outros pormenores que ficaram só entre eles. O que foi essa aliança? A resposta é um segredo misterioso que ficou para sempre só entre eles e Jesus. Ou melhor, só entre Teresa e Jesus, pois ninguém mais pode entrar no íntimo do seu coração. Apenas deixou escrito a data deste acontecimento, o segundo mais importante de sua vida, depois da Primeira Comunhão, aos 11 anos: 8 de Dezembro de 1855. Dia da Imaculada Conceição, feliz dia, pois a Virgem Maria certamente a inspirou e a ajudaria a ser fiel, a ela que tanto amava a Mãe de Jesus. Seu compromisso estava em boas mãos!



UM DESEJO IMENSO: FAZER O BEM

UM mês depois, tomou a pena e deixou brotar uma poesia, que transcreveu com estas palavras, dirigidas diretamente a Jesus:

“Ó amor da minha alma! Ó Jesus do meu coração! Vós sois o único Senhor e dono do meu coração. Posso dizer, com verdade, que desejo amar-Vos com todo o meu coração, ó meu dulcíssimo Salvador, que sois a minha alegria, a minha consolação, o meu Deus, o meu tudo! Com que ardor eu desejo viver neste mundo como se não lhe pertencesse! Jesus, meu Amor, meu queridíssimo Jesus, minha alegria, permiti que eu morra ardendo em chamas por Vós! Meu Jesus!”*

Seu desejo de ser fiel até o fim entregava a Jesus, pedindo-lhe sempre que iluminasse o seu caminho. Muitas vezes esquecia-se completamente do tempo, pensando no profundo amor de Deus.

Em 1857 houve no país uma grande epidemia que matou muita gente: a *Cólera morbus*. Muitas crianças ficaram órfãs. A Rainha, a pedido de algumas mulheres,

* As citações de Teresa são extraídas de seus escritos e de sua correspondência, do Arquivo da Congregação.

entre elas D. Isabel, mandou vir as Irmãs da Caridade, francesas, para tomar conta dos órfãos.

Teresa logo fez amizade com elas. Nunca tinha tido oportunidade de ver de perto a vida que levavam. Encantou-se com o seu modo de se dedicarem totalmente aos pobres, com tanta alegria. Ofereceu-se para trabalhar em seus orfanatos, onde se empenhava de todo o coração. De corpo e alma.

O desejo que tinha de fazer o bem crescia a cada momento, e a presença das Irmãs da Caridade era uma porta aberta para realizar seus desejos. Pensou até que bem poderia ser uma delas. Mas enquanto não tinha clareza do caminho que devia seguir, prosseguia observando a realidade de Lisboa: tanta pobreza, meninas que nunca tiveram a oportunidade de receber instrução, como ela teve. O que seria delas?

Conversava com as Irmãs da Caridade, e com o seu apoio, juntou-se a umas amigas e fundou a Associação Protetora de Meninas Pobres. O nome diz tudo: procuravam oferecer às meninas carentes ensino gratuito e condições para se promoverem.

COMO PEIXE NA ÁGUA

TERESA tinha então 22 anos. Já não tinha tanto tempo para tocar e pintar. Depois daquele quadro de Jesus sofrendo, parece que ganhou o dom de ver o rosto de Jesus nas pessoas que sofriam. Por isso, preferia dedicar-se a elas, sabia que assim servia ao seu Amado. Sentia-se bem feliz, realizando seu desejo. Dirigir a Associação tomava-lhe muito tempo. Organizava a lista das sócias que contribuía para levar adiante os projetos, tinham reuniões mensais, organizavam rifas e quermesses, precisava prestar contas da contabilidade, enfim, muita coisa.

Além disso, as Irmãs viram que tinha muito gosto e jeito, então colocaram-na como diretora do Colégio Santa Marta, destinado às meninas pobres. Teresa trabalhava imenso, a ponto de esquecer as dores de cabeça e o cansaço, de tão envolvida que estava. A amiga e cunhada Maria a acompanhava muitas vezes ao colégio. Bem que observava sua tendência:

— Teresa, pareces peixe na água aqui com as Irmãs. Não me estás escondendo algum segredo? Acho que vais acabar por ser como elas.

A jovem diretora não gostava que lhe tocassem nesse assunto:

— Não sei, responde. Deus é que lê e conhece os corações.

Maria conhecia ao menos um pouquinho o da Teresa. Estava certa. Eram amigas muito íntimas. Tanto estava certa que três anos depois, o governo acabou expulsando as Irmãs da Caridade do país, pois eram francesas. Nenhuma ideologia estrangeira era acolhida então, e suspeitavam que as Irmãs podiam estar formando pensamentos contrários ao Liberalismo, com a educação que davam às crianças.

“Em Junho de 1862 foram-se embora as Irmãs; fechou-se o Colégio de Santa Marta”, aponta Maria em seu diário. “A Teresa chora noite e dia. Abriu-se um abismo no meio do caminho que queria seguir; bem o compreendi.”*

* As citações de Maria são extraídas do livro *Fundação da Ordem das Terceiras de S. Domingos em Portugal*, de Marquesa de Rio Maior.

FALTAVA ALGUMA COISA...

○ QUE fazer agora? Teresa chorava, mas sabia que seu choro por si não ia resolver nada. Além disso, não estava de acordo com seu espírito. Desde criança, lutava para conseguir o que queria, dizendo:

– Detesto enfronhar-me em tristezas!

Mais forte que as dificuldades, a Associação Protetora das Meninas Pobres sobreviveu e continuou a fazer o bem. Abriram um outro colégio, primeiro no Largo da Páscoa, depois transferido para a Rua do Sol, parando finalmente nas Portas da Cruz. Nomes bem sugestivos para quem acredita firmemente na Ressurreição. Ainda bem que a diretora sabia a lição da Semana Santa: a cruz esconde a glória! Por isso, Teresa não media forças para trabalhar.

Como sempre, continuava pensando e fazendo projetos para o futuro. Por mais que a Associação se firmasse e progredisse, faltava ainda alguma coisa. Chamava o colégio de asilo para crianças pobres. Abriu outro, depois mais outro, todos cheios de crianças. Ela própria supervisionava os trabalhos e escolhia professoras de muita confiança. Tudo ia muito bem. Mesmo assim, não se dava por satisfeita. Faltava alguma coisa...

É muito bom poder trabalhar naquilo que se gosta, mas a vida não é só isso. É ótimo ter um espaço onde os nossos dons possam se desenvolver, mas isso não é tudo

na vida. É encantador poder apreciar os frutos do próprio trabalho em favor dos nossos irmãos mais pobres — as crianças afinal estão se desenvolvendo bastante com os estudos. É graça de Deus ter pessoas amigas e de confiança com quem tratar e partilhar os projetos de trabalho. Mas tudo isso não basta. O coração parece infinito, busca um amor sempre maior ao qual se entregar.

“Eu trabalhava deste modo, escreve, mas no íntimo da minha alma estava já desenvolvido o desejo ardente de ser religiosa, o que ao princípio custava confessar a mim mesma, pois assustava-me a idéia de o ter.”

SE TUA VOZ ARDE EM MEU PEITO

UM dia resolveram montar uma ópera cômica no Palácio da Anunciada. Quase toda a família fez parte do elenco. Foi tudo muito animado, e Teresa estava feliz por dar alegria aos outros. Só que ensaiou tanto, tocou tanto, regeu tanto, que adoeceu no dia seguinte. Surgiu-lhe uma ferida na testa, depois atingiu todo o rosto. Enfraqueceu a ponto de terem que ler para ela as orações da manhã e da noite, pois nem para isso tinha forças. Não podia falar, nem ler, muito menos trabalhar.

Essa doença estranha demorou meses. Teresa, então com 26 anos, sofria muito. Tinha consigo que a causa não era apenas o excesso de trabalho, com a ópera e as coisas da Associação. O que a inquietava mais era a aflição diante das dificuldades para ser religiosa. Tinha uma amiga que entrara recentemente para umas Irmãs Dominicanas em Stone, Inglaterra. Correspondia-se muito com ela. Tencionava ir para lá também, fazer-se Dominicana, pois admirava muito São Domingos, homem livre para pregar o Evangelho. Em segredo, só comentava o assunto com seu confessor.

Já não agüentava mais guardar o segredo só para si, sem poder fazer mais nada de concreto. Queria a autorização dos pais, precisava ter coragem de lhes fazer o pedido, e então deixar tudo. Seu coração parecia arder

como o do profeta Jeremias e a impelia para falar e até gritar, não podia esquecer Aquele que a chamava irresistivelmente. Foi num desses momentos de maior impaciência, que sua mãe entrou no quarto para lhe dar o remédio:

— Querida, cheguei bem na hora, não é? — D. Isabel aprendera a ler os pensamentos e sentimentos da filha em cada expressão e gesto, mesmo se estivesse completamente quieta e com os olhos fechados. Afinal era sua filha tão amada. — Pareces sofrer muito... onde dói?

— Dói-me muito a cabeça, mamãe. E o coração também!

A mãe se afligiu:

— Então vou mandar vir o doutor imediatamente! Valha-me Deus que agora a doença já atingiu até o coração! Eu já volto...

la saindo a correr quando a filha a acalmou:

— Não, mamãe, espere! A dor que sinto não é física, é interior. Venha aqui perto de mim, tenho que lhe dizer uma coisa.

Entre soluços começou a dizer tudo o que sentia, como seu desejo de se consagrar a Deus cresceu e se tornou uma certeza, que não podia esperar mais, que já conhecera e tinha escrito para algumas congregações fora do país.

— Escolhi as Irmãs Dominicanas de Stone, na Inglaterra. E elas já aceitaram meu pedido.

Essas palavras soaram para a mãe como um furacão a arrancar para longe e para sempre o que tinha de mais precioso na vida. Agora era ela quem falava entre soluços:

— Minha filha, e teu pai? Ele nunca vai concordar. Tu o conheces muito bem. Além disso, nunca vou permitir

que vás sem antes saber muito bem quem são essas Irmãs. Tudo o que me dizes não é suficiente.

— Quanto às Irmãs, podemos pedir todas as informações que a senhora achar necessárias, apesar de que eu já estou bem satisfeita com o que sei. É uma Congregação nova, com a espiritualidade de S. Domingos, tão de acordo com a urgência que o nosso mundo tem da Palavra de Deus. Dedicar-se ao ensino, é o que eu gosto e vejo ser importante hoje. Além disso, quem sabe, podem me dar licença para vir trabalhar no nosso país. Não é maravilhoso? Quanto ao papai... conto com sua ajuda, por favor...

— Bem, tu o conheces tanto quanto eu. Vai ser quase impossível conseguir o seu consentimento. Ah, minha querida!... — debruçou-se para abraçar a filha com toda a ternura — só quero a tua felicidade, e que sigas o caminho que o Senhor escolheu para ti, mesmo que me custe. Por isso vou ver o que posso fazer, prometo que vou sondar o Conde. Mas por enquanto, disse ao erguer-se enxugando as lágrimas, vamos, toma o remédio, que hoje o que o Senhor te pede é que cuides bem de tua saúde.

“NÃO VIM TRAZER A PAZ”

UM passo muito importante fora dado. Ao revelar à mãe sua decisão, Teresa assumiu o início de uma batalha sofrida, cheia de dificuldades, que a acompanharia até o fim da vida. Seu único desejo era seguir a voz de Deus que a seduzia. E não desistiria, era capaz de arriscar tudo, lutar sozinha contra qualquer oposição, pois sua escolha era firme. Tinha uma vontade de ferro para alcançá-la. D. Isabel sabia muito bem disso. Conhecia a filha. No momento oportuno, tentou falar do assunto ao marido.

O resultado: Teresa ouvia de seu quarto a mãe a chorar, enquanto o pai falava quase a gritar:

— A culpa é toda sua, pelo tipo de educação que dá à nossa filha! Nunca mais quero ouvir sobre isso!

A filha, causa do desentendimento, compreendeu que não mais conheceria um instante de sossego e ainda teria muito que sofrer para realizar sua vocação. Mas não podia deixar de obedecer a Deus que a chamava a seu serviço. Por um lado, a certeza do amor de Deus a impelia; por outro, não via nenhum caminho aberto por onde seguir.

Durante sua doença, como da outra vez, refletia muito sobre as possibilidades que tinha à frente, como num jogo de xadrez. Em primeiro lugar, queria ser religiosa. Em segundo, entristecia-se por não ver em seu país a presença como de fermento, de homens e mulheres con-

sagrados, a apontar para o sentido último da vida humana: Deus acima de tudo! Uma sociedade que desconhece os valores do Evangelho não pode transmitir a seus filhos a grandeza, a dignidade, a liberdade e a responsabilidade da pessoa humana diante da Criação.

Um dia recebeu a visita do amigo Pe. Wiseman, dominicano da Igreja do Corpo Santo. Partilhando com ele seus pensamentos e projetos, ouviu-lhe dizer com toda a convicção:

— A senhorita não deve deixar o país. O que Deus lhe pede é que trabalhe para o restabelecimento da vida religiosa aqui em Portugal.

Foram palavras impressionantes. Era um sacerdote tão sábio que lhe parecia ouvir a voz do próprio Deus.

— O Sr. Padre é a primeira pessoa a me dizer que devo trabalhar em meu país!

Este encontro foi como uma luz a indicar o caminho. A única, pois de resto só via escuridão. Assim escreveu Teresa: “Barreiras intransponíveis se levantaram diante de mim para me roubar toda a esperança e se não fosse o amor de Deus que nos sustenta, a natureza humana preferia descansar e parar”...

NADA ME PODE ROUBAR A ESPERANÇA

DE seu pai, não conseguiria consentimento para partir. Depois, recebeu carta das Irmãs em Stone: não lhe deram a garantia de que, uma vez entre elas, pudesse voltar com uma nova comunidade para trabalhar em seu país. Não encontrava apoio nem esperança de lado nenhum.

No meio de tudo isso, Teresa quer agir, renovar a Ordem Dominicana, a vida religiosa, a Igreja: “Deus olha-me sorrindo para me dar forças, e eu havia de perder a coragem?” Sentia em si, mais uma vez, a lógica da atuação de Deus na nossa história: “Deus serve-se de seus humildes instrumentos para realizar os fins que têm em vista”. Sentia-se escolhida, amada, humilde serva em suas mãos.

— Deus tem-me conduzido de maneira extraordinária, posso ver pelas pessoas que coloca em meu caminho, no momento exato. É mesmo Ele que me está inspirando nessa grande obra, que é dele.

Depois que o Pe. Richmond voltou para a Inglaterra, agora estava mais ligada aos Dominicanos do Corpo Santo, irlandeses. Conheceu nessa ocasião o Pe. Russel, que passou a ser seu confessor, depois do Pe. Wiseman. Ele a ouvia, compreendia e apoiava:

— Minha jovem, é o Senhor quem a inspira. Siga o que lhe diz o seu coração!

Os Dominicanos conheciam na Irlanda as Monjas Dominicanas. Teresa passou a se corresponder com elas. Interessaram-se pelo projeto da jovem portuguesa e se ofereceram para ajudar no que fosse preciso. Finalmente uma porta se abria.

AMIGAS DO CORAÇÃO

O TEMPO exigia muita cautela. Era bem conhecido o caso de uma jovem portuguesa que fugira para ser monja na França. A família não aceitou, e exigiu ao Núncio que a fosse buscar. Foi uma grande humilhação.

Agir em silêncio e com prudência. Eis o lema de Teresa em toda sua vida, especialmente nessa ocasião. Escrevia ao Pe. Russell:

– Tenho receio de estragar tudo, se for precipitada, mas medo não tenho. Desejo fazer o bem em silêncio, pouco importa que os outros o saibam. O que conta é criar raízes profundas de virtudes nos corações.

Só que, por temperamento, sempre fora muito comunicativa. O equilíbrio veio de saber distinguir as pessoas certas com quem partilhar seus grandes ideais, as amigas do coração.

A primeira foi Maria, amiga de infância. Três anos mais nova, admirava muito Teresa. A ponto de, diante da proposta de casamento com o António, lembrar-se que seria uma oportunidade de estarem mais próximas. Assim se tornaram cunhadas. No dia em que Teresa confessou à mãe sua vocação, escreveu contando também a ela.

Maria estava com o marido longe de Lisboa, em sua casa de Suberra. A carta chegou quando estavam à mesa. Seu susto ao passar os olhos pelo papel foi tão grande que mal conseguia disfarçar sua reação, para seu marido

não perceber. No quarto chorou muito, não conseguia imaginar separar-se da cunhada.

Só depois de algum tempo começou a aceitar a idéia, quando vislumbrou que talvez houvesse um meio de conciliar a realização do desejo de Teresa com o seu desejo de permanecer junto dela.

Desde então passaram a ser cúmplices deste segredo. Partilhavam ainda as mesmas lágrimas, angústias e alegrias. O projeto e a luta agora eram das duas. Maria estava disposta a se sacrificar e arriscar tudo para ver a grande amiga feliz e realizada.

Nas cartas que iam e vinham, sempre falavam em “nossos planos”. Como Teresa não podia sozinha ir a outros países conhecer os conventos, contava com Maria, em suas excursões com o marido. Este, diga-se de passagem, muitas vezes acabou colaborando sem o saber.



*Óleo sobre Tela de Teresa de Saldanha
Teresa, seus irmãos Antônio e José e sua cunhada Maria*

FINALMENTE UMA LUZ!

MARIA era então como uma emissária para Teresa, pois colhia todas as informações discretamente, sem dar a perceber para quem “trabalhava”. Foi assim que conheceu as Damas Auxiliares do Purgatório e as Irmãzinhas dos Pobres, duas Congregações francesas dispostas a irem para Portugal. Mas não tinham o carisma que Teresa buscava. O que a interessava era o de S. Domingos de Gusmão, aquele que, no século XIII, fundou a Ordem dos Pregadores, para anunciar a Verdade e a Boa Nova da Misericórdia de Deus. Encantava-se com seu estilo de vida democrático e aberto ao estudo, ao diálogo, às questões sociais e ao mesmo tempo de oração profunda, capaz de reconhecer Deus no mundo. Por isso fez amizades que lhe proporcionaram conhecer mais a espiritualidade dominicana, através de livros e revistas. Ambas se encantavam com as descobertas:

— Como eu admiro a *nossa* Ordem! — exclamou Teresa fascinada, identificando-se ainda mais pelo espírito aberto dos seguidores de Domingos. — Quem é liberal não pode deixar de ser Dominicano!

Um dia Teresa começou, pela primeira vez, uma devoção que achava linda: dedicar 15 sábados em honra de Nossa Senhora do Rosário. Contava com a ajuda da Virgem Maria para iluminar o caminho que deveria seguir.

Sabia da força da oração em comum, então pediu a Maria e outras mais íntimas que se unissem a ela. Quan-

do terminou, a 2 de Outubro de 1865, experimentou uma consolação muito grande. Foi logo depois que recebeu a comunhão. Sentia Jesus dizer-lhe que a amava muito e que deveria ficar em Portugal, para ali fundar uma Congregação. Desde a missa das oito da manhã até ao meio-dia ficou em ação de graças diante do Sacrário. Quando voltou para casa tinha uma certeza:

— A obra é de Deus, Ele quer que atuemos!

Tomou a resolução de escrever para as Dominicanas da Irlanda. Quando em 1866 ficou certo que Teresa podia enviar para lá as primeiras candidatas ao Noviciado, faltava ainda a autorização do Cardeal Patriarca de Lisboa. Quem falaria com ele? Pe. Russell? Teresa? Sua mãe? Não, combinaram que era melhor ir a Maria. Os outros ficariam implorando ao Senhor, confiados na proteção de S. José:

“Foi no dia da sua festa, 19 de Março de 1866. Levava a sua milagrosa imagem apertada contra o coração. Estava o dia ameaçando muita chuva; era uma hora, rajadas de vento levantavam nuvens de palha no Cais de Santarém, e os navios jogavam contra as ondas, e parecia-me que a natureza toda estava de acordo comigo; sentia um temporal em mim! Cheguei a S. Vicente, saltei da carruagem, subi precipitadamente a escada... Nisto, chegou o Senhor Patriarca. Pedi para lhe falar. Fizeram-me entrar para a sala. Batia-me o coração; animava-me a muita bondade com que sempre S. Eminência me falava. Entrou o Senhor Patriarca. Expus-lhe o negócio.”

Maria voltou o mais rápido possível da sua missão. Trazia uma notícia importante. Veio ao seu encontro Teresa com os olhos cheios de lágrimas da longa conversa que tinha tido com Jesus.

— Então, como foi?

— Ele ficou admirado de saber que há quem tenha ânimo de começar alguma coisa, quando tudo está para acabar deste gênero em Portugal... Mas me disse que aprova muito, Teresa, e podemos contar com ele em tudo que estiver ao seu alcance!

Mal ouviu estas palavras, a fisionomia de Teresa iluminou-se de alegria e pôs-se imediatamente a escrever para o Pe. Russell, contando a novidade. Agora só faltava decidir quem seriam as primeiras a partir.

QUEM QUER IR?

“**E**STÁ chegando o meu feliz momento! Finalmente vou poder manifestar a Jesus o quanto o amo, consagrando-lhe toda a minha vida.” Assim pensava Teresa e o coração batia forte. “Se a inspiração é minha, devo ser a primeira a abrir caminho para as outras e dar o exemplo”. Havia quem pensasse do mesmo modo, como outra amiga, a Maria Rita, e as próprias monjas.

Mas havia também quem não pensasse assim: o Pe. Russell, sua mãe, Maria. Falavam ao mesmo tempo o coração e a razão. D. Isabel argumentava:

— Minha filha, pensa bem! Como vai ficar a Associação das Meninas Pobres que tanta ajuda tem prestado? Sem a tua presença neste momento, tudo vai acabar. E depois, com que meios vão viver as Irmãs, se não ficares tu aqui para providenciar tudo?

Pe. Russell completava:

— Além disso, é preciso prudência. Se contrariares o teu pai, podem ocorrer conseqüências desastrosas, que prejudicarão a obra logo no início. Caso haja um escândalo, o fato se tornará público e as Irmãs nunca encontrarão o espaço necessário para uma fundação.

— Têm razão. Não quero pensar em mim. O importante é que a Vontade de Deus se faça sempre, pois Ele sabe melhor do que nós o que nos convém. Digamos sempre como Maria: faça-se! Um dia há-de chegar para

mim o feliz momento. Não estou triste, estou feliz por fazer a Vontade de Deus.

Pe. Russell conhecia uma inglesa chamada Harriet Martin, que estava disposta a tomar parte nessa aventura. Maria expressou o que era a objeção comum:

– Mas para uma congregação portuguesa, havíamos de começar só por uma inglesa?

Teresa rezava, enquanto ia atrás das suas amigas, das conhecidas com quem pensava poder contar. Muitas desculpas, ninguém estava disposta a assumir. Os planos de Deus são sempre surpreendentes. Não queria gente rica e importante, queria que a obra começasse pelos seus preferidos, os humildes.

Foi assim que surgiu nesta história D. Maria José Barros de Castro, como uma “trabalhadora da última hora” da parábola de Jesus no Evangelho. Era de origem humilde, mas de confiança, dizia Pe. Russell. Teresa só a ficou conhecendo uns 15 dias antes do dia da partida para a Irlanda, mas a acolheu como “sócia” nesta aventura como se fossem amigas de longa data.

A MAIOR DAS IMPRUDÊNCIAS

JÁ não havia motivos para esperar. Quem ama sempre tem pressa de manifestar seu amor, era essa a pressa que sentiam Teresa, Harriet e Maria José. Restava apenas marcar o dia da viagem: 7 de Novembro de 1866. Tudo em segredo, como sempre. Nem a mãe de Teresa soube o que se passava. Ficou só entre Pe. Russell, Maria e as “três apressadas”.

Maria narra como se fosse um diário de bordo:

“No dia 7 de Novembro estava um dia lindo; às 4 da tarde disse-me a Teresa que saísse com ela. Fomos na carruagem da Senhora Condessa até ao Arco da Rua Augusta; ali apeámo-nos e seguimos para o Corpo Santo, dando umas poucas de voltas. Parecia-nos toda a gente reparava em nós, que liam o nosso pensamento e iam repetir pelas praças muito alto. Apertávamos a mão uma à outra como quem diz: ‘Levante-se tudo contra nós; a nossa amizade nos sustentará!’ Não podíamos falar. Grande era a nossa comoção.

Alguma coisa se passava imensa, entre o Céu e a terra. Era necessário tocar em uma mola que mudaria a existência de muita gente, de muitas terras, do mesmo Portugal; que podia trazer tempestades. E essa mola Teresa tinha-a na mão. Sentia-se instrumento de Deus!

Chegamos à porta do Corpo Santo, ao pequeno parlatório da travessa. Lá estava Harriet que já não queria

que se lhe chamasse senão Maria Madalena, nome que ia receber em Religião. Também estava o Pe. Russell. Era o dia da partida para Irlanda! Logo chegou, depois de nós, D. Maria José de Castro, com as irmãs. Era a primeira vez que a via, porque, apesar de me dizerem ser devota do Corpo Santo, nunca a tinha visto lá. As duas irmãs falaram-nos, choraram, abraçaram a irmã e partiram logo para casa, não se podendo demorar.

A Irmã Maria José estava pálida, mas firme e limpou à pressa uma lágrima importuna. Pensava, estava séria, mas no fogo dos olhos via-se-lhe o amor Divino; percebia-se estava resoluta e firme como um rochedo. Iam partir para voltar, talvez para sempre insultadas e perseguidas, e sem haver ainda nem casa, nem meios, nem nada certo em que ganhassem para viver. Confiança cega em Deus, de todos!

Eram 4 horas e meia da tarde. Embarcamos num cais provisório de madeira, que então havia no Cais do Sodré; estava como um espelho o Tejo. Metemo-nos todos num bote, que escorregava sobre as águas, e num momento abordamos ao vapor que ia para Liverpool; chamava-se o 'Galileu'... Era belíssimo, todo de ferro, tinha agulha de marear isolada no alto de um madeiro; e fazia-me impressão não haver passageiro algum. A tripulação estava para outro lado. Estávamos inteiramente sós. Tudo era misterioso, até o nome: 'Galileu'! Iam no 'Galileu' as esposas do Senhor. Lembrei-me das palavras do Evangelho: 'Uma criada de Pilatos, vendo Pedro aquecendo-se com os soldados ao pé duma fogueria, perguntou-lhe: Não és tu discípulo do Galileu?'

Retirei-me para deixar num grupo os escolhidos do Senhor: o Pe. Russell, a Teresa e as duas futuras Irmãs, que conversavam. O Sol estava meio escondido mergul-

lhando na barra; ouvia-se ao longe a bulha da cidade; em roda de nós tudo era silêncio, os últimos raios do Sol dardejavam sobre o grupo dos escolhidos com um imenso resplendor.

O Pe. Russell, comovido, tirou o chapéu e disse à Teresa:

— Vamos, abençoe as suas filhas, antes da partida.

A Teresa abaixou os olhos e disse:

— Não tenho essa autoridade.

— Tem — disse o Pe. Russell, e olhou para o Céu numa prece muda, e as lágrimas caíam pelas suas faces. As duas Irmãs ajoelharam aos pés da Teresa que, fixando os olhos nelas com ternura, pousou as mãos sobre as cabeças das duas fundadoras da Ordem Terceira de S. Domingos em Portugal! Pôs-se o Sol. Eu, única testemunha profana desta misteriosa cena, para sempre a conservarei na memória. Sentia-me tão pequena ao pé de todos!

Fomos ver os beliches; falamos à comissária de bordo, que era uma boa irlandesa, recomendamos as duas passageiras. Disseram-se os últimos adeus, e docemente nos trouxe o barco para terra. Era noite; corremos para casa, guardando no coração as cenas da tarde e a profunda impressão que nos assenhoreava. Tínhamos de parecer indiferentes, como se um tão grande acontecimento não viesse de ter lugar, como se não acabássemos de praticar a maior imprudência que naqueles tempos humanamente se podia fazer.”

QUERO FAZER SEMPRE MAIS

LISBOA, 1867. Os trabalhos continuam intensos, a Associação funciona como uma extensão dos braços e do coração de Teresa, sempre voltados para a urgência de fazer o bem. Seu colégio agora estava num lugar ideal, o largo chamado Portas da Cruz. Era um bairro pobre e populoso. Um dia veio ter com Teresa uma amiga da Ir. Maria Madalena, D. Mariana. Começou fazendo suspense:

— É um negócio que aqui me traz, e talvez lhe pareça loucura, minha senhora, mas não posso sossegar com esta idéia.

— De que se trata, D. Mariana? - indagou Teresa com interesse.

— O caso é o seguinte: Numa rua pouco freqüentada existe uma fábrica onde trabalham 200 adolescentes de 12 a 20 anos. Elas trabalham em fazer botões, e 14 horas por dia ali estão. Não sabem nada sobre a nossa fé. Uma senhora inglesa, protestante, deseja, de acordo com o dono da fábrica, dar aula noturna a esta gente.

— Como a senhora teve conhecimento de tudo isso?

— É que meu sobrinho é fiscal da fábrica, e me falou neste negócio. Desde então nunca mais tive sossego. Se a senhora ali pudesse abrir uma aula noturna. Eu não

posso nada, mas de bom grado dava este resto de vida para me ocupar desta obra.

— Mas onde é essa fábrica? — perguntou Teresa.

— Na Calçada do Cascão, junto ao Palácio das Portas da Cruz.

O rosto de Teresa se iluminou de entusiasmo. A fábrica era mesmo vizinha do colégio da Associação. Encantou-se por ver como seus passos estavam sendo conduzidos pelo próprio Senhor até as pessoas que dela precisavam. Em pouco tempo entraram em acordo. O sobrinho de D. Mariana avisou na fábrica que no domingo seguinte haveria aula gratuita para as jovens, na casa ao lado.

Arrumou-se a sala grande com todo o esmero. Teresa e Maria foram buscar a nova mestra, D. Mariana. Esperaram... Esperaram... Não apareceu ninguém! Conta Maria com suas palavras:

“...Até que um bando de pombas veio pousar nos parapeitos das janelas, e eu disse: ‘Bom agouro, D. Mariana! Está-lhe a acontecer como a S. Francisco e Sto. António: quando os homens os não escutavam, vinham as avezinhas do céu, e o suave Francisco lhes dizia: ‘Passarinhos, meus amigos, vinde ouvir a palavra de Deus, vosso Criador!’”

Decidiram ir as três à fabrica durante a semana. Viram e trataram pessoalmente com as jovens, algumas tão pequenas que pareciam não ter mais de oito anos. Assim foi que no domingo seguinte vieram sete, no outro 60. Teve início mais uma forma de fazer o bem.

A VONTADE DE DEUS

ENQUANTO isso, o pensamento de Teresa estava sempre no Convento de Drogueda, na Irlanda, junto das suas noviças. Correspondiam-se intensamente, tão depressa como permitia o correio então. O tempo parecia voar, logo estariam de volta, era preciso deixar tudo pronto: casa, acomodações e trabalho. “Se tudo estiver bem adiantado, pensava Teresa, posso ir e me encontrar com elas lá. Que alegria poderem voltar juntas!”

Viu novamente a mão de Deus agindo em tudo. Em Agosto, seus pais, ela, irmão e cunhada marcaram uma viagem a Paris para ver a Exposição Universal, um belíssimo encontro de várias culturas de povos tão diferentes.

— ...Penso que é uma grande oportunidade para ir até a Irlanda fazer meu Noviciado, não acha, sr. Núncio? O assunto era de tal importância que Teresa foi pedir conselho ao representante do Papa em Portugal, o Cardeal Ferrieri. Afinal, já não estava em conta apenas a sua pessoa, mas também as duas noviças e sobretudo a obra que já se iniciava.

— Pode ser, minha filha, mas atenção: não deve fugir, contrariando seus pais. Não é isso que Nosso Senhor lhe pede neste momento. Mais importante que tudo está o bom êxito da sua fundação, para o bem da Igreja.

Teresa enrubesceu:

— Sr. Núncio, tudo já está bem encaminhado! As duas Irmãs me esperam na Irlanda. O edifício sem alicer-

ces cai, e se não for eu, a quem Deus inspirou, quem irá? Minha família vai ver a minha resolução e com certeza me deixa partir. Sinto em meu coração chegar a hora de dar o passo para realizar minha vocação.

— Sem dúvida, é hora de provar mais uma vez seu amor por Jesus, fazendo a Sua Vontade. Ao chegar em Paris, manifeste a eles tudo sobre sua vocação, e sobre a grande obra a que já deu início. Procure fazer tudo para convencer seus pais. Mas se eles lhe fizerem oposição, volte para Portugal, pois esta é a Vontade de Deus.

“... e Ele, melhor do que nós, sabe o que nos convêm!” — completou Teresa em seu pensamento.

— Agradeço sinceramente por suas palavras, sr. Núncio. Com licença.

“Se fugir, fará mal à Igreja, em lugar de a ajudar!” é a opinião do Cardeal Ferrieri”... pensava Teresa com seus botões, ao voltar à casa, bem exaltada. “É um momento para dar o passo definitivo, preciso de força, e ainda me tiram...” Deu um murro no corrimão da escada.

Já nos últimos preparativos da viagem, despedia-se pessoalmente, ou por carta, das amigas da Associação, como da outra grande amiga, a secretária Maria Augusta:

— Pede muito por mim, que bastante necessito. Vou, mas sem saber se ficarei ou se voltarei. Digo a todos que volto, e é verdade. Às mais íntimas digo que nada sei, e isto também é verdade. A nossa Obra, para ser de Deus, deve ter o cunho da cruz! Mas não estou nada desanimada com as dificuldades; pelo contrário. Nada disto é motivo que me faça desanimar agora, e enquanto eu viver a minha vida há-de ser empregada em trabalhar para a glória de Deus; este é um voto que fiz.

O DIA DO TERREMOTO

A VIAGEM de trem de Portugal a Paris levou seis dias. Lá, viram muitas coisas, entre a exposição mundial e as Igrejas e conventos que interessavam Teresa. Passou-se um mês. No dia 27 de Setembro, Teresa sentiu ser o momento de falar. Pediu a Maria que saísse um pouco com o António, para poder estar a sós com seus pais, e finalmente revelar seus planos. Falou-lhes. Maria é quem conta:

“Quando voltamos, achei meu sogro no quarto: estava numa tremura nervosa e a chorar; minha sogra também no seu quarto, no mesmo estado; e a Teresa muito pálida e quase a desmaiar! O meu sogro, apenas viu o filho, disse com muita exaltação: ‘Que diz a isto? A Teresa quer-nos deixar e fazer-se freira. Nunca consentirei...’ Culpava em parte a minha sogra, pela educação que lhe deu. Eu sentia como se assistisse ao terremoto de 1755... O António foi ter com Teresa e lhe disse coisas muito pesadas. À noite, foi a minha vez. Três dias estive a Teresa de cama a arder em febre...”

A viagem continuou por mais alguns dias. Teresa voltou triste e serena a Lisboa. Imediatamente escreveu a Maria Augusta:

“ ... Desde que te escrevi, muitas coisas aconteceram; muito sofri, mas feliz sou de sofrer por Nosso Senhor e por aquela grande obra que Ele me confiou. Ao mesmo tempo, estou com a consciência descansada de

ter feito o meu dever. Teria sido muito fácil deixar os meus pais e escrever-lhes depois, de Drogheda. Se não o fiz, não foi por medo de declarar minha vocação à minha família, nem por não estar resolvida a dar um passo tão sério. Foi por obediência à autoridade, ao Núncio, e curvo a cabeça aos desígnios de Deus. A minha família já sabe de tudo, e isto é um grande passo. Posso trabalhar mais à vontade e sem medo e, custe o que custar, espero, com a graça de Deus, não perder o ânimo. À vista falaremos mais. Vamos sofrendo por Nosso Senhor e vivendo de esperanças.”

ELAS ESTÃO CHEGANDO!

PARECIA milagre como tudo ia acontecendo e dando certo nos preparativos para a chegada das primeiras Irmãs. Teresa queria tudo muito simples, mas bom e com o conforto necessário; pensava em cada detalhe com o maior carinho: “são minhas queridas filhas!” Não tinha outro dinheiro além de sua mesada e as pessoas com quem mais contava afastaram-se, então quantas voltas teve que dar! Não gostava, mas teve de organizar várias rifas; economizava ao máximo, e aos poucos conseguia preparar a casa com o suor de seu rosto. O resto, foi obra da Providência Divina.

A cada passo, Teresa podia experimentar como a obra era mesmo de Deus. Ela era um simples instrumento em suas mãos. No Mosteiro de Drogheda surgiram outras jovens interessadas em tomar parte nesta aventura, já eram quatro noviças. Escreve: “Não posso deixar de me confundir na presença de Nosso Senhor, lembrando das graças tão grandes que Ele me concedeu!”

Finalmente, a 13 de Novembro de 1868 chegaram a Lisboa as duas primeiras Irmãs: Maria José e Maria Madalena. Que alegria tomou conta do coração de Teresa!

— Minhas filhas tão queridas! - exclamou ao abraçar com carinho cada uma. — Nem posso descrever a consolação que sinto! Estão muito bem!

Depois de um pouco de conversa, foram à capelinha com o Pe. Russell. Rezaram o *Te Deum*, invocaram Nossa

Senhora e São Domingos. Ao final, ainda de joelhos, Teresa não conseguiu mais controlar sua emoção. Deixou cair umas lágrimas. Sentia tanta coisa ao mesmo tempo! Gratidão para com Deus, que tinha protegido seus passos até então. Ao mesmo tempo, o peso da responsabilidade agora parecia tão grande, superior às suas forças, a ponto de sentir-se desfalecer. Só Deus sabia tudo.

Maria percebeu muito bem que dali para a frente algo entre elas estava para sempre mudado:

“Desde a chegada das Irmãs, ficou sossegada a Teresa. Uma constante alegria lhe enche o coração, que é só de Deus. Faz o trabalho de umas 20 pessoas com o maior sossego. Tem em si Marta e Maria... mas deu-se toda às suas filhas; a correspondência comigo afrouxou...”

CRUZES, ALEGRIAS E UMA GRANDE PAZ

A PARTIR de agora, sua vida era entre suas Irmãs. Ou melhor, conseguia estar de tal forma com a família e com as Irmãs que pouco a pouco foi transformando o coração do pai e do António. Já no fim da vida, o Sr. Conde estava tão mudado que até a acompanhava com gosto à casa das Irmãs. O António... ajudava sempre no que fosse preciso, a ponto de sua esposa o apelidar, muitas vezes, de acólito.

As Irmãs ficaram responsáveis pela direção da escola para crianças pobres. Além disso, davam formação religiosa para as meninas e jovens e visitavam os pobres e doentes.

— Que consolação ver o bem que as Irmãs têm feito! — exclamava várias vezes Teresa.

Tudo estava se desenvolvendo com muita rapidez. O entusiasmo tomava conta de todos que colaboravam e que se beneficiavam da presença das novas Irmãs. Mas a jovem fundadora estava muito atenta para que tivessem equilíbrio entre suas atividades e as obrigações da vida religiosa. Não queria ver ninguém sobrecarregado a ponto de perder a paz. Dizia ao Pe. Russell:

— Eu só quero que se faça o bem, mas de uma maneira prudente e moderada. Introduzir as atividades

não de repente, mas calma e serenamente. Elas devem guardar tempo para visitar os pobres e o trabalho de assistência às nossas crianças nunca deverá ser abandonado. É necessário trabalhar muito, mas com juízo. O importante está na perfeição com que se trabalha e no espírito que nos inspira.

À segunda portuguesa que partiu para fazer seu noviciado, escreve:

– Querida Maria, querida filha, felizes somos de viver só para Deus! A vida é curta para poder provar a Jesus, por obras, o nosso amor e a nossa gratidão. Cada obra tem o seu princípio. O nosso é este: constante esquecimento de si, trabalho imenso e viver só para Jesus!

Esta era a sua maneira de viver, seu grande ideal, com ele contagiava a sua “equipe”. Sempre voltada para os outros, não tinha tempo de pensar em si. Trabalho imenso! De tanto trabalho, doía-lhe a cabeça, ficava exausta, ninguém percebia. De onde lhe vinha tanta força?

– Vamos nós trabalhando só por amor de Deus!

MIL VEZES FELIZ!

DEPOIS de três anos, no ano de 1871, já não era mais necessário ir para a Irlanda. As candidatas passaram a fazer o Noviciado nas Portas da Cruz. Pouco a pouco a mais recente Congregação Dominicana já podia dar sozinha seus próprios passos, e formar suas novas Irmãs sem a ajuda das Dominicanas contemplativas. O sonho de Teresa se concretizava e crescia como um bom fermento na massa. O fermento era a graça de Deus, à qual Teresa e suas Irmãs procuravam corresponder com humildade, amor e gratidão.

Um ano depois, o sr. Conde, pai de Teresa, adoece. Foi um período de grande sofrimento para toda a família. Finalmente, a 27 de Agosto, ele faleceu. Pela primeira vez Teresa experimentava a perda de uma pessoa tão próxima e tão querida. Diante da morte, apegou-se mais ao autor de toda a vida, e refletiu:

— A dor traz sempre consigo uma mudança com a qual nada se pode comparar!

Pôs-se a trabalhar com mais afinco, convencida da brevidade da vida e da urgência de fazer o bem. Pensava: “a vida é curta para mostrar a Deus o nosso amor e a nossa gratidão”. Parecia sentir a mesma ânsia do apóstolo Paulo: “o Amor de Cristo nos impele”. As vocações continuavam a surgir, a casa se tornara pequena. Então, no ano de 1877, juntando todas suas economias e a herança que recebera de seu pai, conseguiu adquirir uma

casa ampla e espaçosa, com um lindo jardim, em São Domingos de Benfica.

Ali passou a ser a Casa Mãe da Congregação, o Noviciado, o Colégio para meninas ricas e pobres. Ali passou a ser também a residência de Teresa, de onde orientava a Congregação, embora ainda não fosse uma Irmã.

Nos anos seguintes, as Irmãs foram enviadas para vários pontos do país, lembrando-se das palavras de S. Domingos: “o grão de trigo amontoado apodrece, disperso frutifica”. Assim foi aberto o Colégio da Regeneração, em Braga, para recuperar meninas e jovens de rua; o Asilo para cegas, em Lisboa; escolas para crianças pobres em antigos conventos dominicanos: Cristo Rei Salvador, Santa Joana e Sacramento, em Lisboa; de Santa Joana, em Aveiro. Tudo para os esquecidos da sociedade.

No relatório da Associação escreve: ‘pode o olhar ficar indiferente aos crucificados da história, que ninguém vê e nem chora?’ Seu olhar nunca foi indiferente. Ao contrário, tornava-se cada vez mais sensível ao longo dos anos. Muitas vezes ela repetia, como um refrão, para ninguém se esquecer do seu primeiro e principal objetivo:

— Não era o meu fim, fundada a congregação, cuidar dos pobres, dos doentes e crianças de rua?

Realmente estava sendo fiel a ele. Teresa estava na plenitude de sua vida. Depois de mais de 20 anos de espera, foi com imensa alegria que finalmente viu chegar o momento que tanto sonhou: poder se consagrar a Jesus. Teresa tinha então 50 anos. Já nada a impedia, nem a família, nem questões políticas ou econômicas, os obstáculos estavam vencidos. Entrou para o Noviciado em Abril de 1887 e escreve à Maria Augusta:

“Ao ponto que tudo tinha chegado, faltava só uma coisa para consolidar a Obra: era eu fazer parte da Congregação que fundei... Acho-me perfeitamente feliz; nem

tu imaginas a consolação que eu sinto! A maior consolação que pode haver é ser Esposa de Nosso Senhor e trabalhar para Ele! Mamãe já aqui veio, viu-me com o hábito e disse: ‘Oh, minha filha, parece-me uma criança! Está tão bem!’ Foi o último espinho que Nosso Senhor me tirou! Ele seja bendito, o nosso Amor, o nosso Tudo!”

A respeito do dia 02 de Outubro, o feliz dia de sua Profissão, escreve:

“Podes imaginar como me sinto feliz, mas confundida à vista de tantas graças! Realizo, finalmente, pela Misericórdia de Deus, o sonho de toda a minha vida!...”



Óleo sobre tela de Ir. Angélica Reis

*“Nada se pode comparar com a alegria de ser toda de Deus”
Teresa de Saldanha*

A MARCA REGISTRADA DE TERESA

TODAS as dificuldades haviam desaparecido para Teresa. Agora era só trabalhar com afinco, até o fim da vida. Dizia às suas Irmãs:

— Quando se sabe o que se deve fazer, é só caminhar e com ânimo... Sou muito feliz no meio dos meus trabalhos e o que quero é fazer muito mais do que faço. Nunca achem sacrifício quando se trata de fazer o bem.

Teresa tinha uma característica que era como sua “marca registrada”, que deixava por onde passava: tudo bem organizado, pois desde criança sempre gostou das coisas direitas. Com prudência e visão coordenava os trabalhos das comunidades. Pediam-lhe a presença das Irmãs em várias obras, mas Teresa só dava uma resposta afirmativa se tivesse a certeza de que teriam condições de realizar um bom trabalho, sem perder de vista o principal: fazer tudo por Deus e em união com Deus.

Havia ainda outra “marca registrada” que sempre acompanhava Teresa: a fortaleza nos momentos difíceis. Como no tempo em que várias Irmãs adoeceram e inspi-ravam muitos cuidados. O desânimo era geral. Ou quase. Pois Teresa continuava alegre e bem disposta, na certeza de que Deus nunca abandona os que n’Ele confiam. E dizia:

— Eu tenho este feitio que Deus me deu: nunca desanimo, e quanto mais dificuldades vejo, mais força tenho para lutar.

Em 1901 a Congregação já estava espalhada por vários pontos de Portugal, devolvendo a vida e a esperança a tantas crianças, jovens e famílias. Mas a situação política se agravou. O país passava por momentos conturbados, causados pelos mesmos conflitos políticos que agitavam toda a Europa. Ferviam as idéias do Liberalismo e a reação em cadeia aos ideais da Revolução Francesa: igualdade, liberdade, fraternidade.

SO O AMOR PODE TER CORAGEM PARA LUTAR COM TANTAS DIFICULDADES

NA ânsia de construir uma nova sociedade, tudo o que parecesse ameaça à liberdade e à autonomia do ser humano era atacado violentamente. A Igreja, por exemplo. Por pregar que a História humana só encontra seu pleno sentido a partir de Alguém que a transcende infinitamente, Deus. Assim, a Igreja passou a ser vista como inimiga autoritária e a favor da Monarquia.

A Vida Religiosa inspirava mais ódio ainda, por causa da obediência. Para o olhar sem fé, a Religião apresentava-se como um absurdo, como um grave obstáculo à capacidade humana de conduzir sua própria vida.

Já era noite em Benfica, a 10 de Março. As Irmãs, depois de verem se todas as meninas dormiam, também se foram deitar. De repente, um forte barulho de vidro estilhaçado faz com que todas despertem em sobressalto. As pequenas gritam assustadas.

— O que está acontecendo, Irmã?

— Não se levantem, meninas! Alguém atirou uma pedra, mas graças a Deus não atingiu ninguém. Já passou, podem dormir tranquilas, respondeu a Irmã responsável pelo dormitório das alunas.

Mas não havia passado, foi apenas o começo. Depois de um tempo, as janelas voltaram a ser alvo de tantas pedradas que ninguém conseguiu dormir aquela noite. Foi o primeiro sinal de que recomeçara a perseguição religiosa, com muita força. As outras casas também sofreram ataques semelhantes por aqueles dias.

A Congregação tinha então 10 casas, e um total de 200 Irmãs. Em Santarém a pressão foi tanta que as Irmãs tiveram que se retirar, deixando o colégio. Outras Congregações estrangeiras voltaram para seus países de origem. O governo fiscalizava tudo. Teresa mostrou todos os relatórios, abriu as portas para os fiscais poderem ver o trabalho das Irmãs, estava tudo em ordem, de acordo com a lei. Mas já não era permitida a admissão de noviças.

Teresa escreve ao Mestre Geral dos Dominicanos, Pe. Cormier. O que fazer? Sua resposta trouxe muito ânimo, e foi lida quando estavam todas reunidas:

— Ouçam a carta do Mestre Geral: “...Quanto maior é a luta, mais abençoada será...Não desanimem, tudo há de serenar... Quanto ao Noviciado, repito que o hábito não é indispensável. O principal é que as noviças encontrem na comunidade a mesma atmosfera de oração, caridade, união e paz.”

Foi assim que durante esse tempo as noviças se vestiram como se já fossem Irmãs, e tudo continuou normalmente. O principal era o espírito que a todas inspirava.

COMO NOSSA SENHORA EM BELÉM

A 5 de Outubro de 1910 deu-se a revolução, mudando o regime de Monarquia para República. Saiu então o decreto: estavam expulsas todas as Ordens religiosas do País. As estrangeiras deviam voltar para suas terras. As portuguesas poderiam ficar, mas apenas em grupos de três. Tiveram de deixar todas as casas onde estavam. Ou melhor, só puderam ficar no asilo das cegas e na casa da regeneração em Braga. As outras, para onde iriam?

Teresa, então com 73 anos, teve de deixar Benfica. Não levou nada, pois pensava poder voltar no dia seguinte. Na primeira noite foi pedir pousada para seu irmão José. Depois, como lá não havia espaço para ela com suas duas companheiras (ah! Uma delas era sua sobrinha, filha de José), foi para o Palácio da Anunciada, junto de sua cunhada Maria. É claro que foi recebida com todo o carinho. Mas as casas onde se escondiam as religiosas também eram perseguidas. Souberam que iriam atacar a casa.

Assim, para não colocar em risco a segurança de sua família, foi para um hotel. Saíram no dia 22 de Dezembro, de noite, para não serem vistas. Naqueles quartos frios e úmidos do Hotel Pension, na Rua da Glória, passou o Natal. Compraram um Menino Jesus e o colo-

caram em cima de uma caixa, coberta de algodão, fingindo nuvens.

Diante desse altazinho acenderam umas velas, que seguraram como puderam, pois não tinham castiçais. Não se arriscaram a ir à missa da meia-noite. Teresa ficou sem sua maior consolação: receber Jesus na Eucaristia. Para conseguir dormir teve que se embrulhar num chale. Mas de seus lábios não saiu nenhuma queixa, só louvores. Escreveu a uma jovem Irmã que teve de partir para o Brasil:

— Ali ajoelhamos e louvamos o Menino Jesus, e pedimos que nos abençoasse e me desse coragem para sofrer com paciência este tão grande desgosto de estar extinta uma obra na qual empreguei trinta anos de trabalho! Deus seja bendito!... Querida filha, relendo minha carta, vejo que não disse bem. A obra não está extinta, pois é de Deus, e Ele a protege.

DEUS, VISIVELMENTE, NOS PROTEGE

○ TEMPO, os acontecimentos, enfim, a vida foi fazendo com que Teresa aperfeiçoasse a sua visão. Ela, que sempre teve a vista curta, tinha um coração cada vez mais aguçado para perceber a ação de Deus. “Só se vê bem com o coração”, aprendeu o Pequeno Príncipe. Teresa, na busca da fidelidade ao seu amor, aprendeu a mesma coisa. Por isso não desanimava. Muitas vezes ao longo da vida repetia: “o amor pode tudo, o amor vence todas as dificuldades!” E confiava cada vez mais cegamente na proteção e na misericórdia de Deus. Tranquilizava as dispersas que vinham até ela:

— As Irmãs que não se assustem, estamos à conta de Deus. Todas estas perseguições são provas do seu amor.

E em tudo tinha razão. O que naquele momento parecia ser o fim de tantos trabalhos, na verdade era um impulso para a obra crescer, em todos os sentidos. Dois meses depois da expulsão, as Irmãs já tinham uma nova comunidade em Lisboa, no hospital ortopédico da Parede. As estrangeiras, ao voltarem para seus países, levaram consigo a Congregação. Assim, já no início de 1911 estavam nos Estados Unidos, no Brasil, na Bélgica. As

candidatas não paravam de surgir, então o Noviciado foi transferido para a Espanha.

Para seu coração tão sensível, foi um enorme sofrimento ter suas filhas queridas bem distantes, sabendo que provavelmente nunca mais as veria. Alegrava-se pela coragem com que arriscaram começar novos caminhos, para continuar a missão que Jesus lhes dera e não deixar morrer o seu ideal de amor. Escrevia-lhes muitas cartas:

– Minha querida filha, a distância também é uma grande cruz, Deus aceite tudo... Desejo convencer-me e pensar constantemente no significado destas palavras: Não sou mais eu quem vive, mas Jesus Ele próprio, é Quem vive e trabalha em mim. Gosto de repetir freqüentemente estas palavras e o meu desejo é ser como uma criança nas mãos de Deus. Pronta para fazer o que Ele desejar e seguir prontamente a Sua voz! O projeto, o empreendimento, não é meu, é Obra de Deus!

E Deus queria levar ainda mais longe todo o bem que a presença das Irmãs transmitia. Partiram entre lágrimas a semear, nas boas obras e no silêncio, e rapidamente o Reino da alegria e da esperança frutificou.

O AMOR NÃO PASSA JAMAIS

TERESA contava então com 78 anos. Agora morava numa pequena casa alugada em Lisboa, na rua Gomes Freire. Tinha a companhia de sua sobrinha, Ir. Maria Teresa e da Ir. Maria da Graça. Já não estava rodeada de tudo quanto se pode chamar grande, como no início de sua vida. Muito pelo contrário, estava mergulhada numa pobreza despojada, que em nada chamava a atenção.

Já não tinha nada de seu. Mas nenhum acontecimento lhe conseguia tirar a paz. Afinal, sempre quisera identificar-se com Jesus, agora conseguia. Quem a viesse visitar podia sentir a força interior que se manifestava em forma de delicadeza e afabilidade. Podia sentir a plenitude de seu espírito, que soube viver de fé, de esperança e de amor. O Deus da promessa não a decepcionou. Por isso não temia nada. Continuava sua rotina de oração com o mesmo ritmo de sempre.

Assim aquele dia rezou normalmente, tomou sua refeição, e esteve diante de Jesus, antes de se retirar para o quarto. Lá pelas três da manhã, a Ir. Maria da Graça ouviu um barulho diferente, foi ver e a encontrou agonizando. Logo veio a Ir. Maria Teresa. Foi num instante, serenamente, que faleceu e foi se encontrar face a face com Aquele a quem dedicou toda a sua vida. Era o dia 8 de Janeiro de 1916.

Ao amanhecer a notícia se espalhou. Veio o Cardeal Patriarca, vieram as Irmãs de outras casas, as ex-alunas e muita gente do povo. As Irmãs receberam muitas condolências. Uma verdadeira multidão acompanhou as cerimônias do funeral, e todos queriam tocar em seu corpo, chamando-a de Santa Teresa de Saldanha. Afinal, sabiam: ela teve a coragem de praticar a bondade. Nada a deteve na sua ânsia de servir, na busca de concretizar seu amor. Passou a vida como Jesus, fazendo sempre o bem.

A chama que aqueceu seu coração Teresa a transmitia a suas filhas e Irmãs no momento em que entravam para a sua família. Foi assim que a sua maneira de amar chegou até os nossos dias, não morreu. No fundo, ela sabia que isso ia acontecer. Não sabia como, mas sim que aconteceria. Pois dizia sempre:

— A obra não é minha, é de Deus. Sou apenas um simples instrumento em suas mãos. E se a obra é de Deus, não morre.

Não deixou para dar seus conselhos no último instante, podia ser que não desse tempo. Mais que conselhos, deu exemplos. Colocando todo o seu amor na ação de cada dia, mostrou que só o que dá sentido à existência é ter no coração Deus acima de tudo.



Edições Loyola

Editoração, Impressão e Acabamento
Rua 1822, n. 347 • Ipiranga
04216-000 SÃO PAULO, SP
Tel.: (0**11) 6914-1922

